



AS CONTRIBUIÇÕES DA MUSICOTERAPIA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Samara Moleta Alessi¹

Tatiane Camargo Massuqueto²

Carlos Eduardo de Andrade e Silva Ramos³

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem recebido uma crescente atenção científica nos últimos anos, com avanços em pesquisas de caráter biológico, genético, ambiental, sintomático e de manejo. Sabe-se que as causas são multifatoriais e, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Saúde Mental, o TEA é uma condição de “prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (...) presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário” (DSM-5, p.53). O termo “espectro” vem da variabilidade de manifestações e graus de severidade, enquanto “autismo” está relacionado à perda de conexão com a realidade (SANTOS e MELO, 2018). Ainda que a causa do TEA não esteja plenamente esclarecida, diversas modalidades terapêuticas têm sido utilizadas no processo de intervenção, como a musicoterapia.

Segundo a Federação Mundial de Musicoterapia (2011), ela pode ser definida como o uso profissional da música e de seus elementos como intervenção em ambientes médicos, educacionais e cotidianos com indivíduos, grupos, famílias ou comunidades, que buscam otimizar sua qualidade de vida e melhorar sua saúde e bem-estar físico, social, comunicacional, emocional, intelectual e espiritual, de acordo com o contexto cultural, social e político. A junção da abordagem terapêutica com as experiências musicais ocorre por meio da audição e, principalmente, pela ação do paciente ao tocar um instrumento, improvisar, compor, cantar, etc. (KOELSCH, 2011 e RODRIGUES, 2012, apud. SAMPAIO, LOUREIRO e GOMES, 2015). Devido ao seu caráter não-verbal, por suscitar emoções e sustentar processos cognitivos complexos (SAMPALIO LOUREIRO E GOMES, 2015), a dinâmica musical é capaz de mobilizar mais sistemas funcionais do que a fala em pessoas com TEA, o que pode estar relacionado à previsibilidade causada pelo ritmo e repetição das músicas já conhecidas pelo paciente.

¹ Psicologia, 2º período, Faculdade Sant’ana, samaramoleta@gmail.com

² Psicologia, 2º período, Faculdade Sant’ana, taticmassuqueto@gmail.com

³ Departamento de Psicologia, Faculdade Sant’Ana, carlosramospsicanalise@gmail.com

Craveiro de Sá (2003) e Wigram e Gold (2006) definem os principais objetivos clínicos da musicoterapia para pacientes com TEA como: desenvolver a atenção, interação social, comunicação e a autoexpressão; auxiliar nas habilidades cognitivas e emocionais, como a tolerância e a flexibilidade; e diminuir as possíveis dificuldades como o isolamento social, hiperatividade e agressividade. Os autores também sugerem o uso da música como ferramenta de diagnóstico complementar para compreender as habilidades e dificuldades do paciente. Freire (2014) relatou resultados significativos na interação e comunicação entre paciente e terapeuta com o uso da música, por meio da validação feita pelo terapeuta sobre a participação espontânea do paciente nas improvisações musicais ou melódicas, ao acrescentar elementos à composição.

Conclui-se que a musicoterapia tem eficácia no tratamento dos transtornos do neurodesenvolvimento, com resultados nas habilidades de comunicação, relações interpessoais e qualidade de vida, que podem ser mensurados e adaptados de acordo com as especificidades de cada indivíduo. A musicoterapia aplicada ao TEA demanda mais estudos, principalmente com levantamentos randomizados, para reforçar a confiabilidade de seus resultados.

Palavras-chave: Autismo. Musicoterapia. Transtorno do desenvolvimento.

Referências:

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2023.

CRAVEIRO DE SÁ, L. **A teia do tempo e o autista: música e musicoterapia**. Goiânia: UFG. 2003.

FREIRE, M. **Efeitos da Musicoterapia Improvisacional no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo** Dissertação (Mestrado em Neurociências). Programa de Pós-Graduação em Neurociências. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2014.

KOELSCH, S. Toward a neural basis of music perception - a review and updated model". **Frontiers in Psychology** v.2, article 110, p.1-20, 2011.

RODRIGUES, A. **Efeito do treinamento musical em capacidades cognitivas visuais: atenção e memória** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Neurociências. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2012.

SAMPAIO, R. T.; LOUREIRO, C. M. V.; GOMES, C. M. A. A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. **Per Musi**, Belo Horizonte, n. 32, p. 137-170, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pm/a/zhKMfm3Q5VJ5dGfQYtD9gBC/?lang=pt#>>. Acesso em: 13 set. 2023.

SANTOS, A. A., MELO, H.C.S. A genética associada aos transtornos do espectro autista. **Conexão Ci**, Formiga/MG, vol. 13, n. 3, p. 68-78, out. 2018. Disponível em:<<https://periodicos.uniformg.edu.br:21011/ojs/index.php/conexaociencia/article/view/756>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

WIGRAM, T.; GOLD, C. Music Therapy in the assessment and treatment of autistic spectrum disorder: clinical application and research evidence. **Child: care, health and development** n.5, v.32, p.535-542. 2006.

WORLD FEDERATION OF MUSIC THERAPY (Eua) (ed.). **About WFMT**: what is music therapy?. 2011. Disponível em: <<https://www.wfmt.info/about>>. Acesso em: 12 set. 2023.